

222

**JAQUELINE FILGUEIRA TEIXEIRA**

**ID, EGO E SUPEREGO NOS PERSONAGENS DE *CLUBE DA LUTA*.**

Monografia apresentada ao Curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como requisito parcial à obtenção do diploma de graduada em Língua Inglesa.

Orientador: Prof.Mestre.José Carlos Felix

Jacobina  
2008

## **AGRADECIMENTOS:**

Desde o início deste trabalho algumas pessoas se fizeram presentes e ofereceram valiosas contribuições, sem as quais as dificuldades enfrentadas teriam sido muito maiores.

Pessoas que, nominalmente, agradeço agora:

Ao Prof<sup>o</sup> Mestre José Carlos Felix pela atenciosa orientação, por todo o trabalho de ir em busca, juntamente comigo, de material e até mesmo comprá-los para este meu trabalho e por ter se feito amigo nos momentos necessários;

Aos meus pais, Amilton e Carmita, por terem idealizado e participado de todos os meus momentos;

Ao meu marido, Eduardo, por ser meu presente e sonhar junto com nosso futuro;

À minha “pequena” Anita Maria,

À minha amiga Rita de Cássia pelos momentos de amizade e muito companheirismo.

## RESUMO:

A aplicação da teoria psicanalítica em um texto literário visa focalizar os ideais da teoria em detrimento do conhecimento do homem, do personagem e do texto em estudo. Assim não só a Psicologia esclarece a Literatura, mas também as criações literárias podem auxiliar nossa compreensão dos fenômenos psicológicos. Este trabalho foi elaborado e se justifica por essa premissa, pois utilizamos as teorias da psicanálise a respeito das funções psíquicas do Ego; Id; Superego e as transpomos para a obra de Chuck Palahniuk, *Clube da Luta* (2000). Essa obra complexa e abrangente reconstrói uma visão do mundo atual, da civilização, assim como da história de criação, desenvolvimento e atuação dos Clubes da Luta, contudo munidos da teoria psicanalítica é que analisamos os três principais personagens. Com Jack, também narrador, fizemos uma analogia com o Ego, por ser este a "consciência" e mediador das situações abordadas no romance; Com Tyler fizemos um paralelo com o Id, pois ele é um personagem "irracional" que procura a satisfação imediata de todos os seus desejos; e, finalmente, Marla como Superego, que apesar de ter sido mal elaborado, devido a não feliz passagem pelo Complexo de Édipo, vigia ao Id e pune ao Ego por todos os "erros" que ele cometeu.

**PALAVRAS CHAVES:** Literatura; Psicanálise; Ego; Id; Superego; *Clube da Luta*;

## ABSTRACT:

To use the psychoanalysis inside of the literary text aims at to focus the ideals of the theory in detriment of the knowledge of the man, of the character, of the text in study. Thus Psychology not only clarifies Literature, but also the literary creations can assist our understanding of the psychological phenomena. In such a way, it is that this work was elaborated and that is justified, therefore we use the theories of the psychoanalysis regarding the psychic functions of the Ego; Id; Superego and we transpose them for the Chuck Palahniuk's work, *Club of the Fight* (2000). This book works presenting a vision of the current world, of the civilization, as well as of the history of creation, development and performance of the Clubs of the Fight, however armed of the psychoanalytic theory it is that we analyze the three main characters. With Jack, also narrative, we made an analogy with the Ego, because it is this the "conscience" and mediator of the approached situations in the romance; With Tyler we made a parallel with the Id, therefore it is a "irrational" character that looks to the immediate satisfaction of all its desires; E finally Marla as Superego, that in spite of has been badly elaborated, due the not happy passageway for the Complex of Edipus, watches to the Id and punishes to the Ego for all the "errors" that the Id committed.

**KEYS WORDS:** Literature; Psychoanalysis; Ego; Id; Superego; Club of the Fight; Jack; Tyler; Marla

## SUMÁRIO:

|   |    |
|---|----|
| Capítulo I-----   | 5  |
| 1. PSICANÁLISE E LITERATURA-----                        | 5  |
| 1.1 PSICANÁLISE APLICADA ÀS OBRAS LITERÁRIAS-----       | 15 |
| 1.2 CONTEXTO HISTÓRICO DA PSICANÁLISE NA LITERATURA---- | 22 |
| Capítulo II-----  | 28 |
| 1. ANÁLISE DO LIVRO <i>CLUBE DA LUTA</i> -----          | 28 |
| 1.1 ANÁLISE DOS PERSONAGENS: JACK; TYLER; MARLA-----    | 37 |
| REFERÊNCIAS-----  | 49 |

## CAPÍTULO I

### PSICANÁLISE E LITERATURA

Nos fins do século XIX e início do século XX surgiu através das ciências positivistas uma fase de afirmação criadora e de luta pela independência, ou seja, no século XX desaparece o sistema de repressão vigente no século XIX, encontramos uma liberdade cada vez maior de ser colocado nos hábitos educacionais: a teoria psicanalítica. Se nos prendermos à Literatura, será notório vermos que hoje uma grande parte da poesia e do romance se refere à expressão de um erotismo inimaginável no século XIX. Assim a produção literária como também a Psicanálise “transformou” o “mistério”, que se aplicava à Psicanálise, a um enigma decifrável e palpável, para compreendê-la sem proibição e nem repressão.

Auguste Comte. e E. Durkheim (APUD in Psicologia e Literatura; Dante Moreira Leite, 1987 p.13) negavam a existência de uma psicologia autônoma, ou seja, não admitiam um estudo especificamente psicanalítico. Dotado de outra visão, Freud exauria qualquer possibilidade de uma sociologia autônoma, sociologia esta que visava apenas fenômenos especificamente sociológicos cujos resultados seriam limitados a ampliações dos fenômenos individuais, quando ele reduzia a vida social a um drama familiar e individual.

Os primeiros sociólogos e psicanalistas de orientação marxista reivindicavam explicar o fenômeno artístico: reduzindo a arte a uma superestrutura, dependente de uma infra-estrutura. A sociedade, na época, era refletida dentro dos acontecimentos econômicos em que se encontravam, a partir de suas disposições e obras, através

das instituições políticas/jurídicas, nas crenças religiosas, na literatura e nas outras artes.

Diante das posições extremistas em que a Literatura poderia ser entendida como um processo sociológico e psicológico/psicanalítico ou que a Literatura só poderia ser explicada através de critérios estritamente literários são, tanto uma quanto outra postura pouco admissível, dados que nestas concepções foram simplificadas, pois “nem todas as criações de superestrutura é literária ou artística, assim como nem todas as sublimações apresentam caracteres literários.” (Leite; Dante, 1987, p.19).

Quando nos referimos a autenticidade da análise psicanalítica da Literatura, podemos dizer que fazer comentários de uma obra sem fazer citação de processos psicanalítico/psicológico é muito complicado, pois o critério de escolha vai além de fazer uso ou não das teorias da psicanálise, mas ela foca no ponto de se utilizar a psicologia do senso comum ou a psicologia científica. Daí é nesta última alternativa que é preciso ser discutido, visto que é quase impossível descrever uma obra sem fazer referência, direta ou indireta, a preceitos psicológicos, tais com a imitação, a sugestão, a percepção de formas, a descrição de personagens e assim por diante.

Com a mesma vertente, a análise psíquica da arte desde o Romantismo já possuía uma tendência subjetiva tanto em termos artísticos quanto pelo o empenho a crítica. A arte, como também a Literatura prioriza os aspectos individuais, abrangendo assim desde um personagem da vida “real” quanto ao ficcional, tendo como “pano fundo” temas novos ou velhos.

Tanto o conceito quanto a teoria da psicanálise não procura uma ordem de parâmetros no qual determina o certo e o errado ou até o ideal, visando a um bem comum estabelecido moralmente.

Desta forma a Psicanálise, no nosso caso a literária, visa focalizar os ideais teóricos que vigora na relação da contribuição do leitor ao texto salientado. O texto psicanalítico não procura articular tão pouco definir o ideal de ação para o sujeito humano ou personagem, mas sim focalizar os conflitos pelos quais ele se depara. Procura obter a investigação dos impasses que giram em torno do agir humano.

A analogia que há entre a Literatura e a Psicanálise é a questão da origem da condição do fato estético. É recorrente, neste sentido, a remissão à Psicanálise enquanto instrumento de investigação. Atitude conhecida em relação ao texto literário: “ela visa, através do texto, tomando-o enquanto meio, atingir as condições de produção estética. Neste caso, o que parece enquanto incógnita não é o conhecimento que a Literatura pode veicular, no sentido mais amplo, mas o fato estético em si mesmo”. (<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf>). No entanto, esta idéia de mostrar somente uma possível confirmação da teoria psicanalítica através do texto literário é limitada, dado que pretendemos utilizar o texto literário enquanto campo de pesquisa para procurar aquilo que se encontra distante ou disfarçado ao campo psicanalítico.

Falaremos, em nossa análise das relações com o pós-estruturalismo, que reforça o ideal do estruturalismo com relação à exclusão do autor no texto literário, deixando para trás o “psicobiografismo” e a “psicocritica”. Tentaremos ultrapassar assim momentos anteriores, onde o escritor era praticamente colocado no divã, tentando-se diagnosticá-lo, ou reencontrar a nosografia, ou seja, descrever a partir

da “consulta com o escritor”, metodicamente as doenças psicanalíticas dentro do texto literário.

As relações entre Literatura e a Psicanálise parecem limitar-se, até pouco tempo, a uma única descrição, onde o objeto literário suportava o embate da teoria freudiana aplicada. A psicanálise servia como “refugio” quando no texto era apresentado um sentido simbólico ou quando outro nível de leitura surgia. Ela apresentava-se também com um amplo instrumento interpretativo, tornando-se uma chave crítica que tinha a pretensão de desvendar o sentido oculto do texto literário em análise.

Desta forma, a respeito de um objeto, o texto literário propriamente dito, lançava-se uma teoria que poderia revelar aspectos de seu enigma. Ou seja, a incógnita da escrita literária era desvendada por uma leitura orientada. Afirmava-se até mesmo que este tipo de abordagem apontaria o desejo no texto.

Pensava-se na noção de “inconsciente do texto literário”, e é exatamente sobre esta concepção que tal abordagem crítica fundamenta-se, a noção criada na década de 70, momento interposto por idéias estruturalistas. Suas tentativas foram no sentido de delimitar esse aspecto, o inconsciente do texto, do mesmo modo elaborar um método de aproximação. Sugeria-se, dessa forma, afastar o autor concedendo exclusividade ao texto. Pensava-se trabalhar sobre uma narrativa do mesmo modo que o analista com o relato de seus pacientes. Chamou-se a esta prática de textanálise.

No que se refere à tentativa de aproximação entre Literatura e Psicanálise, o conceito de “prototexto” foi sua resposta limite. O “prototexto” comporia o rascunho do texto, onde se poderia presenciar o movimento da escrita. Falava-se agora não do inconsciente do texto, mas do trabalho inconsciente da escritura, isto é pensava-

se que o texto teria, ele próprio, um inconsciente, quando sabemos que o texto diz, na medida em que é lido. Solicitamos então a figura do leitor, sendo ele quem torna possível o texto falar através dele introduzindo-o nas inúmeras possibilidades de leituras e análises. Neste sentido, concluímos que não é o texto em si que diz alguma coisa, quem diz é o leitor. O que nos conduz a afastar a idéia de “trabalho inconsciente da escrita” para propormos a de “trabalho inconsciente de leitura” e as possibilidades que esta leitura tem por intermédio de uma outra escrita.

Entre o discurso esmiuçador, que é o literário, e entre a elaboração da hipótese psicanalítica formam-se duas vertentes reduzidas a dois movimentos de investigação já conhecido de outros momentos históricos. Quer dizer, por um lado parece estabelecer-se entre a Literatura e a Psicanálise uma “relação aditiva”, ou seja, aquele que acrescenta sentidos ao texto literário a partir da interpretação psicanalítica. Por outro lado, entremostra-se a “relação extrativa”, interessada em procurar resgatar do literário a particularidade que pudesse instruir a psicanálise. Tais diferenciações contêm certa complexidade visto que nos textos, principalmente nos de Freud, não aparecem claramente delimitados. Nestes, ora pretende-se analisar o texto literário, ora servir-se dele enquanto instrumento e é com esta concepção que analisaremos a obra de Chuck Palahniuk, *Clube da Luta* (2000). Não nos prenderemos a um único olhar, trabalharemos com o leque de possibilidades que se faça coerente ao nosso ideal de estudo.

O texto literário e o texto do paciente exigem interpretação. Existe sempre um sentido manifesto e um sentido latente que o analista faz surgir. Esta foi uma das principais contribuições de Freud ao conhecimento do sujeito humano.

A interpretação apresenta aos pacientes novas significações, como acontece na interpretação de um texto literário. O crítico ou analista de uma obra literária

jamais afirma que sua leitura é a verdadeira e muito menos a única possível. “Os psicanalistas e escritores bebem na mesma fonte, ocupam-se de questões humanas similares, quando não idênticas, usando meios distintos.” (<http://www.pucsp.br/pos/cos/face/psicanal.htm> ). Freud foi o pioneiro no reconhecimento das estreitas afinidades entre Psicanálise e Literatura.

Deste modo, a análise do texto literário pautada em uma abordagem Psicanalítica necessita que se reconheça e se atribua a ele a importância da especulação filosófica, estética ou antropológica que a psicanálise possui, ou seja, em qualquer análise que relacione estas duas “ciências artísticas” faz-se necessário à inserção da “essência histórica” desta arte, assim como, a inclusão, em grandes ou moderadas doses, dos pensamentos freudianos, visto que foi ele o pioneiro desta ciência. Mas ressaltamos que outros teóricos se farão presentes em nossa análise.

Como as idéias de Freud são muito ricas e têm influência muito grande, convém mostrarmos primeiramente os conceitos de Id; Ego e Superego para, em seguida, discuti-los um pouco mais minuciosamente em alguns outros textos/obras literários para estarmos munidos de conceitos e teorias que facilitem a nós, leitores, fazer inferências ao *Clube da Luta* em um outro momento, no próximo capítulo precisamente.

As observações de Freud revelaram uma série interminável de conflitos e acordos psíquicos. A um instinto opunha-se outro. Eram proibições sociais que bloqueavam pulsões biológicas e os modos de enfrentar situações frequentemente chocavam-se uns com os outros. Ele tentou explicar e ordenar este “abismo” aparente propondo três componentes estruturais da psique: O Id; o Ego e o Superego.

Para Freud, o Id é o sistema original, do qual, gradualmente, se desenvolvem os outros dois. Ele é a única fonte de toda energia psíquica (libido). A energia apresenta a forma de instintos inconscientes que impulsionam o organismo. Os instintos decorrem da natureza biológica e contém tudo o que é herdado do organismo, que se acha presente no nascimento e está presente na constituição, sendo a estrutura da personalidade original, básica e central do ser humano, exposta às exigências somáticas do corpo. Os dois grupos principais de instintos são os ligados à Sobrevivência (“os instintos da vida”), tais como a fome, a sede e, sobretudo, o sexo; e os ligados aos impulsos de destruição (os “instintos da morte”), que apresentam a forma de agressão. Os impulsos do Id são exigências “primitivas, cegas, irracionais, brutais” de satisfação imediata. E nesta estrutura tripartite da mente do qual o Id faz parte, Freud buscou funções físicas para as partes do intelecto e foi para ele a classificação de “princípio do prazer”, cuja função é descarregar as tensões biológicas, ou melhor, é a reserva inconsciente dos desejos e impulsos de origem genética.

As energias da libido, quando impedidas de expressões imediatas e diretas, se deslocam em outras direções em busca de meios e objetos substitutivos de satisfação. A maleabilidade de direção de tais deslocamentos, e a de ligações de energias a diferentes objetos e meios substitutivos, explicam a grande diversidade dos padrões de interesses específicos, motivos, atitudes e hábito das pessoas, exemplificá-se tal fato com o modo de Jack/narrador se apegar ao trabalho para obter satisfação a partir do que o dinheiro possa lhe dar. Entretanto, o aspecto decisivo a ser observado é que tais deslocamentos não significam mudança nas energias motivacionais.

As energias básicas de toda ação do nascimento até a morte são os instintos do Id. Pressupõe-se que o inconsciente é a base geral da vida psíquica, sendo ele a esfera mais ampla, que inclui em si a esfera menor do consciente.

O inconsciente é transtemporal, ou seja, é dotada de uma "imortalidade" no tempo histórico. Silencioso/recalcado em alguns momentos ele reaparece em outros e não enfraquece nunca. É só tentar tolhê-lo para que ele reviva prontamente, voltando a desabrochar em novas manifestações. Por isso, seja qual for à idade, o inconsciente continua a ser um processo irreprimivelmente ativo e inesgotável em suas produções.

Ele se apresenta diante de nós como atos, falas ou imagens inesperadas, que surgem subitamente e excedem nossas intenções e nosso saber consciente. Esses atos podem ser condutos corriqueiros, como por exemplo, os atos falhos, os esquecimentos, os sonhos, ou mesmo o aparecimento repentino desta ou daquela idéia ou certas manifestações patológicas que fazem sofrer, como sintomas neuróticos ou psicóticos. Os produtos do inconsciente sempre são obras que surpreendem como também são ações de difícil compreensão para a consciência do sujeito assim como para a do psicanalista. A partir destes produtos, presumimos a existência de um processo inconsciente, obscuro e ativo, que atua em nós sem que o saibamos. Estamos assim diante de um fenômeno que se completa independentemente de nós e que, no entanto, determina aquilo que somos.

O Ego se desenvolve a partir do Id, à medida que a pessoa vai tomando consciência de sua, suposta, própria identidade, vai aprendendo a aplacar as constantes exigências do Id, tendo ele a tarefa de garantir a saúde, segurança e sanidade da personalidade, e por sua vez tenta facilitar (ao Id) a obtenção do prazer, tentando a todo custo servir de mediador entre as exigências da realidade externa,

reduzindo ou adiando o seu prazer, em prol de uma racionalidade aceitável, ou seja, o consciente em relação ao inconsciente desempenha a missão de obter controle sobre as exigências dos instintos, decidindo se elas devem ou não ser satisfeitas, adiando esta satisfação para ocasiões e circunstâncias mais favoráveis ou suprimindo inteiramente essas excitações. As tensões, quando elevadas, são, em geral, sentidas como desprazer e a sua redução como prazer consiste em produzir estímulos que são coordenadas e conduzidas adequadamente pelo Ego, qual se esforça pelo prazer e busca evitar o desprazer.

Ao procurar satisfazer os impulsos do Id, o organismo enfrenta as realidades do mundo externo. Surgindo daí o já então mencionado, Ego, um sistema de forças que tem função de controle consciente, e a de redigir os impulsos do Id, de tal forma que as satisfações possam ser obtidas no ambiente específico do organismo (o “princípio da realidade”) lidando com a estimulação que vem tanto da própria mente como do mundo exterior. Assim, o Ego é o processo cognitivo - perceber, pensar, planejar, decidir.

É tanto a parte racional da alma no esquema platônico, quanto a parte perceptiva e a inteligência que devem, no adulto ‘normal’, conduzir todo o comportamento e satisfazer simultaneamente as exigências do Id e do Superego através de compromissos entre essas duas partes, sem que a pessoa se volte excessivamente para os prazeres e sem que, ao contrário, se imponha limitações exageradas à sua espontaneidade e gozo da vida.

O Ego ou o Eu é a consciência, pequena parte da vida psíquica, que procura satisfazer ao Id, mas sem transgredir as exigências do Superego. Esta estrutura, a mais relevante para o entendimento da pró-sociabilidade, da personalidade se desenvolve gradualmente a partir do Ego. O Superego atua como um “censor-moral”

sobre as atividades e pensamentos do Ego, é o depósito dos códigos morais, modelos de conduta e dos parâmetros que constituem as inibições das personalidades. O Superego de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do Superego deles; os conteúdos que eles encerram são os mesmos e torna-se veículo da tradição e de todos os duráveis julgamentos que dessa forma se transmitiram de geração em geração.

Esta instância da personalidade, concebida por Freud é formada a partir das identificações com os genitores, dos quais ele assimila as ordens e proibições, assumindo então o papel de “vigilante”, formando uma espécie de autoconsciência moral. Os mandatos do Superego incluem muitos elementos inconscientes que derivam do passado do indivíduo e que podem entrar em conflito com seus valores atuais.

O Superego também é inconsciente, faz a censura dos impulsos que a sociedade e a cultura proíbem ao Id, impossibilitando o indivíduo de ter seus instintos e desejos plenamente satisfeitos. É o órgão da repressão, particularmente a sexual, manifestando-se à consciência indiretamente e exercendo um conjunto de interdições e de deveres, por meio da educação. Este tipo de censura desenvolve-se em um período que Freud designa como período de latência, situado entre os seis e sete anos e no início da puberdade ou adolescência, formando nossa personalidade moral e social, segundo Freud este período se dá após a resolução do Complexo de Édipo.

O Superego é um representante da lei paterna que interdita a relação mãe-filho. Segundo Freud (APUD in <http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?>): “O Superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o Complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir à repressão (sob a Influência da autoridade, do ensino

religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do Superego sobre o Ego, sob a forma de consciência (conscience) ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa”.

### **PSICANÁLISE APLICADA ÀS OBRAS LITERÁRIAS:**

O alcance do melhor efeito da obra de arte concretizou-se com a descoberta e a aplicação de procedimentos da Psicanálise a Literatura. Nós, leitores, passamos a ficar mais dominados pela magia do texto quando o autor nos mostra que não existe apenas um processo intelectual, mas que talvez, apenas a psicanálise possa “compreender” o sentido da obra. Por exemplo, temos o *Hamlet* que permitiu tantas interpretações opostas, até quando a psicanálise cunha o Complexo de Édipo começa a perceber que os impulsos sexuais infantis não ocorrem apenas nos neuróticos, mas em pessoas normais; como se verá agora em seu texto, sobre a análise da Peça de Sófocles.

A interpretação do Rei Édipo supõe a tragédia como a representação de um desejo infantil, disfarçado através de elaboração secundária, exatamente com ocorreria num sonho.

A lenda de Rei Édipo, apresentada na peça de Sófocles se inicia com Tebas varrida pela doença e o povo querendo saber como evitar as desgraças que ela vinha causando. Um mensageiro é enviado ao oráculo e diz que esta desgraça continuará enquanto um grande crime continuasse sem punição. Édipo exige que se procure saber quem é esse criminoso.

Antes do seu nascimento, seus pais, Laio e Jocasta, tinham ouvido a previsão do oráculo, que aquele menino estava destinado a matar seu pai e casar-se com sua mãe. Os pais encarregam um escravo de matar Édipo, mas o escravo o entrega a outra família.

Édipo foi criado longe de seus pais e, quando moço, ele também ouve e passa, a saber, a predição do oráculo a seu respeito. Por isso abandona sua casa. E no caminho luta e sempre vence, no caminho de Tebas, decifra o enigma da Esfinge e como recompensa torna-se rei e casa com a rainha, Jocasta. Ao ver desvendado a sua história, Édipo rasga os olhos, enquanto Jocasta se enforca.

Freud conclui que se a peça é capaz de comover aos expectadores modernos assim como aos gregos e romanos a explicação mais plausível vista por ele é que “o efeito da tragédia grega não depende do conflito entre destino e vontade humana, mas da natureza peculiar do conteúdo através do qual se revela o conflito”. (APUD in *Psicologia e Literatura*, 1987, p.120). Para ele há em nós um poder para reconhecer o fatal destino de Édipo e que esta voz interior que possuímos existe na história do Rei Édipo para explicá-lo. E que tal história nos comove apenas pelo fato de que este destino poderia ter sido o nosso.

Freud, Lacan, Felipe Pimstein também analisam outra grande tragédia poética - *Hamlet* de Shakespeare -, mas é através da análise psicanalítica de Ernest Jones (APUD in *Psicologia e Literatura* 1987, p.114) que mostraremos a sua explicação para a personagem ampliando a compreensão da peça.

Sua análise psicanalítica passa da observação direta do fenômeno para a representação literária, e desta, retorna para o fenômeno estudado na vida diária ou clínica. Logo, não só a psicologia esclarece a Literatura, mas também as criações literárias podem auxiliar nossa compreensão dos fenômenos psicológicos.

A história de *Hamlet* tem origem nas lendas escandinavas. A versão mais antiga está na história Danica do Sexto Gramático de 1200. Em resumo *Hamlet* é um jovem príncipe dinamarquês perturbado com a morte do rei, seu pai, e com o segundo casamento da rainha Gertrudes, sua mãe. Pelo fantasma do pai, fica sabendo que ele fora assassinado pelo irmão, rei Cláudio, que desposou Gertrudes. Passa a querer vingança e para isto finge-se de louco boa parte do tempo. Diante de Cláudio e da mãe, faz um grupo de teatro representar a morte do pai, despertando o ódio do padrasto. Numa das muitas confusões da peça, *Hamlet* mata o pai de Ofélia, sua namorada. Ela enlouquece e se suicida. O rei Cláudio aproveita a situação para se valer de Laertes, irmão de Ofélia, e atingir o príncipe sem se comprometer diretamente. Durante a disputa entre Laertes e *Hamlet*, a rainha toma um vinho envenenado destinado ao filho e morre. *Hamlet* é ferido com uma espada também envenenada e depois fere Laertes com esta mesma espada. Quando descobre o veneno, *Hamlet* dá uma estocada com a arma mortal no rei e morrem os dois. Fortimbrás, um príncipe que havia atravessado a Dinamarca com seu exército para fazer guerra na Polônia, chega ao Castelo de Elsinor pouco depois de consumada a tragédia. Manda enterrar *Hamlet* com as honras devidas e reclama seus direitos sobre o trono daquele país.

Para Ernest Jones, em sua interpretação, a aparição do fantasma do pai e o desejo de vingança que então o acomete não passam de delírio psicótico, fato comum de ocorrer, segundo ele, com quem é atormentado pelo Complexo de Édipo. *Hamlet* não consegue, não pode perdoar a mãe de ter-se casado novamente.

Imaginava ele após a morte do pai, ser seu substituto, o centro máximo das atenções de Gertrudes. O que segundo a sua análise se pode ver é que esse Édipo sente-se frustrado pelo casamento feito um tanto às pressas dela com o seu tio

Cláudio. Na fantasia de Édipo, o tio apossou-se não só o trono como o afeto da mãe. A vingança resultante nada mais era do que o pretexto para canalizar a frustração dele em ter sido rejeitado.

Os Contos de Fadas também serviram de material para a abordagem psicanalítica, em um livro de Bruno Bettelheim (1980) intitulado *A Psicanálise dos Contos de Fadas* faz um estudo psicanalítico das histórias de fadas, pois a compreensão e análise do significado da obra não são necessariamente algo pertencente apenas a trabalhos voltados para a idade adulta, há o que se analisar também em obras dirigida às crianças. “A sabedoria não irrompe integralmente desenvolvida como Atenas saindo da cabeça de Zeus; é construída por pequenos passos a partir do começo mais irracional”. (APUD in *Análise dos Contos de Fadas*, 1980, p.11).

*Os Três Porquinhos* é o primeiro exemplo que usaremos desse livro. Ele foi comparado ao mito de Hércules pelo fato deste ter que enfrentar e escolher entre seguir o princípio do prazer ou o princípio da realidade na vida. E, segundo o autor, faz-se de forma semelhante em *Os Três Porquinhos*. Neste conto, de forma bem infantil, ensina às crianças, que não devemos ser preguiçosos, porque caso o façamos poderemos ser destruídos e que o planejamento combinado a um trabalho árduo nos fará vitoriosos até mesmo diante do maior dos inimigos - o lobo. As casas que *Os três porquinhos* constroem são símbolos do progresso do homem na história, e internamente, as ações dos porquinhos mostram o progresso da personalidade dominada pelo Id para a personalidade influenciada pelo Superego, mas controlada pelo Ego.

O porquinho menor sem nenhuma preocupação constrói sua casa de palhas, representando assim o Id; o segundo porquinho usa paus em sua construção, mas

também é desprovido de qualquer preocupação, sendo também desta forma o Id, ambos preparam suas casas rapidamente e sem esforço, para poder brincar o resto do dia. Vivendo de acordo o princípio do prazer, buscando satisfação imediata, não pensando no futuro e nos perigos que podem surgir embora o segundo porquinho já esteja dotado de certo amadurecimento ao construir uma casa mais segura.

Só o mais velho dos porquinhos aprendeu a viver de acordo ao princípio da realidade, sendo capaz de adiar seu desejo de brincar, e pensar no futuro, que algo pode acontecer e ele precisa estar protegido contra as armadilhas e “lobos da vida”. Ele é o único dos porquinhos capaz de derrotar os poderes mais fortes e mais ferozes que ele. O lobo significa a ferocidade e a destruição, representando todos os poderes não sociais, inconscientes, e devoradores contra os quais a gente deve aprender a se proteger, e se pode derrotar através da força do próprio Ego.

Em um outro conto o de “*Chapeuzinho Vermelho*” o autor aborda alguns problemas categóricos em que a menina em idade escolar tem que resolver quando há uma persistência das ligações édipicas em seu inconsciente, quais podem levá-la a arriscar-se a possíveis seduções.

Na interpretação de Bettelheim (1981) a casa da floresta e o lar paterno são o mesmo lugar, vivenciado de maneira diferente devido à mudança na situação psicológica. Na casa dos seus pais Chapeuzinho é protegida por eles se tornando uma criança pré-púbere, ou seja, sem conflito algum sendo perfeitamente capaz de lidar com as circunstâncias, já na casa da avó, que também é um lar seguro, a menina de capuz vermelho se torna totalmente incapaz por consequência do encontro com o lobo, tornando-se este o sedutor do conteúdo manifesto da história.

Para “*Chapeuzinho Vermelho*” o mundo de fora do lar paterno não é ameaçador onde a criança não consegue encontrar caminho. Há uma estrada já conhecida, da qual a mãe aconselha-a a não se desviar.

Ao deixar o lar, ela não teme o mundo que há do lado de fora, mas ao contrário ela reconhece sua beleza, onde está o perigo. Se o mundo fora do lar se torna tentador demais, poderá trazer uma volta ao comportamento baseado no princípio do prazer, visto que nesta análise ela já havia o abandonado em favor do princípio da realidade, devido aos ensinamentos paternos, podendo assim ocorrer vários choques entre estes dois princípios.

O princípio da realidade e o princípio do prazer estão presentes no conto quando o lobo diz a Chapeuzinho:

*Veja como são lindas as flores ao seu redor. Por que não dá uma olhada? Acho que você nunca parou para ouvir os lindos cantos dos pássaros. Esta caminhando atenta e concentrada como se fosse para a escola, enquanto na floresta tudo é prazer. (APUD in A Psicanálise dos Contos de Fadas; p.207; 1980).*

A idéia que Chapeuzinho lida com estes sentimentos opostos (princípio do prazer X princípio da realidade) se sustenta pelo fato dela só parar de colher as flores quando apanhou até não agüentar mais carregá-las. No mesmo momento ela se lembra da sua avó e prossegue caminho. Firmando que ao pegar flores há certo prazer, o Id se sobressai, mas se vê recuado quando ela torná-se ciente de suas obrigações. “*Chapeuzinho Vermelho* é na verdade uma criança que já luta com problemas pubertais, para os quais ainda não está preparada emocionalmente, pois ainda não dominou os problemas édipicos”. (1980, p.208). Visto que a criança púbere para compreender o mundo utiliza os sentidos, fato este presente em *Chapeuzinho*

*Vermelho* quando ela tenta entender a “enigmática” avó (lobo) perguntando-lhe sobre suas orelhas, boca, mão e nariz.

Neste conto as figuras maternas, mãe e avó são sem importância, pois não conseguem nem ameaçar tão pouco proteger. Em oposição a isto o macho tem importância capital, dividindo-se em duas figuras opostas: a do sedutor perigoso que se transforma no destruidor da avó e de Chapeuzinho; e a do caçador, a figura paterna, responsável, forte e heróica.

É como se fosse colocado para ela à natureza contraditória do homem com os aspectos contraditório da personalidade dele, como tendência egoísta, violenta e potencialmente destrutiva do Id, o lobo; e as tendências do não egoísmo, sociais, reflexivas e protetoras do Ego, caçador. O lobo não é somente o sedutor, ele ainda representa as inclinações animais dentro de nós, já Chapeuzinho destiná-se à posição da criança em busca do prazer édipico.

Percebemos facilmente aqui que tanto a Psicanálise esclarece a Literatura quanto a Literatura auxilia na compreensão de conceitos psicanalíticos, podendo sugerir assim que a visão (psicanalítica) quando usada para revelar sentimentos e ou motivações dos personagens pode facilmente auxiliar nossa interpretação de um texto/obra literário. Encontramos nestas análises momentos onde o texto literário nos abre caminho para o conhecimento da Psicanálise, que convida-nos a dizer através da arte as condições para o surgimento da produção da ciência psicanalítica.

## CONTEXTO HISTÓRICO DA PSICANÁLISE NA LITERATURA.

De 1909 até 1949 a teoria psicanalítica ganhou auxílio para se aplicar na leitura e interpretação de textos literários. Esta nova abordagem foi fortemente influenciada por A. Richards, Kenneth Burke e Edmund Wilson. Mas vale aqui ressaltar que havia críticos que não acreditavam muito, não se dedicando à abordagem, como também tinha aqueles que não seguiam o Freudianismo, preferindo seguir a Alfred Adler, que acreditava que os escritores escreviam sobre o Complexo de Inferioridade, e até outros mais que foram convencidos da escrita de Carl Gustav Jung, que se desvincula de Freud devido à ênfase que este dá ao sexo assim como a teoria da inconsciência coletiva.

Aqueles que contavam com os modelos freudianos eram críticos que também eram poetas e romancistas. Conrad Aiken escreveu a *Literatura Americana* a partir de estudos freudianos e poetas tais como Robert Graves e W. H. Auden seguiram também com idéias freudianas quando escrita na prosa crítica. William Faulkner, Henry James, James Joyce, D. H. Lawrence, Marcel Proust e Dylan Thomas são alguns dos romancistas que tem a escrita influenciada por Freud ou que tem romance escrito concebido de características, conflitos e criatividade escrita em si nos termos freudianos. A poetisa H. D (Hilda Doolittle) foi na verdade uma paciente de Freud e forneceu o relato da análise dela para seu próprio livro, *Tribute to Freud*. Esta disposição dos escritores de se usarem como modelos freudianos na produção de Literatura e criticismo de sua própria consumação de um relacionamento são os primeiros fatores observados por Freud e por outros pioneiros teóricos psicanalíticos; em segundo, a terapia envolve a análise fechada da língua. Em 1942

René Wellek e Austin Warren trabalharam com esta idéia de autor e obra e procurou classificar o criticismo psicológico como uma das cinco abordagens extrínseca para a Literatura, tal criticismo sugere tentar fazer uma das seguintes coisas: fornecer um estudo psicanalítico do escritor individual; explorar a natureza do processo criativo; generalizar sobre tipos e leis presentes dentro de trabalhos da Literatura; ou teorizar sobre o psicológico com os efeitos da Literatura sobre os leitores. Nesta época os poemas eram lidos como fantasias que permitiam aos autores satisfazer os desejos reprimidos, meio este de se protegerem da profunda depressão, ansiedade ou as duas coisas, um exemplo da análise do autor poderia ser Maria Bonaparte, no estudo de Edgar Allan Poe (Apud in Conrad, p. 118). Logo em seguida no ano de 1945 surgiu o primeiro livro que falava sobre o criticismo psicanalítico, chamado *Freudianism and the Literature Mind* de F. J. Hoffman.

Nos romances e nas tramas, os personagens são os primeiros alvos da crítica psicanalítica e em seguida os seus autores. Mas não para muitos, pois alguns críticos viam nos bons ou maus personagens o potencial dos autores, ou seja, projeções de vários aspectos reprimidos da psique deles. Em *Psychoanalytic Study of Double the in Literature*, Robert Rogers (APUD in Conrad, p. 118) trabalha com a teoria de que os seres humanos são, no mínimo, dois na natureza. Deste modo ele conclui que escritores usam da sua obra para mostrar seus instintos de repressão, ou seja, apresentar um lado do ser humano que ele é quase sempre sem se darem conta de que o fizeram.

A tentativa de se fazer um trabalho psicanalítico numa obra literária através da biografia do autor era, na visão de alguns críticos da época, uma fantasia, no mínimo um sonho, no entanto, para eles, o propósito do autor na escrita é satisfazer

secretamente algum desejo proibido, particularmente um desejo infantil ou desejo que tenha sido reprimido dentro do inconsciente.

A superfície literal do trabalho, da obra é, às vezes, falada no seu “conteúdo manifesto”, mas o que o analista tenta entender é o “pensamento do sonho”, isto é, o que está por traz da história do sonho, o conteúdo latente que está escondido no conteúdo do sonho manifesto, assim o trabalho do analista se resume em analisar o manifesto para explicar o latente.

Apenas em 1970 é que se começa a pensar na obra em si, sem inserir na análise psicanalítica do autor. No artigo intitulado “*The Unconscious of Literature: The Psychoanalytic Approach*”, Norman Holland, diz que o que se deve observar em um poema é o nível geral ou níveis de fantasia que ele esteja associado com aquela língua usada na obra. Para Holland há cinco níveis que se deve levar em consideração quando se estuda uma obra, são elas: oral; anal; uretral; fálica; edípica. No estudo que ele fez do poema de Robert Frost, *Mending Wall*, ele observa a fantasia oral, afastando o autor deste estudo.

Assim, outros críticos da Psicanálise começaram a parar de pressupor que os artistas estavam em seus limites neuróticos e que fabricavam personagens para descobrir quais eram seus próprios defeitos e doenças. O foco deles mudou da psique do autor para a psicologia do leitor e do texto em si. As teorias de Holland, na qual tem em si mais preocupação com o leitor e com o texto, ajudou a estabelecer uma outra escola da teoria crítica: criticismo da reação do leitor. Elisabeth Wright (APUD in Conrad; 120) explica os pensamentos de Holland, para ela o que nos leva ao texto, é o desejo de ouvirmos ou lermos o que secretamente desejamos, assim como o que não podemos, mas queremos fazer, o texto é como se fosse um disfarce que engana o censor que está dentro do pensamento do leitor, cujo texto é

responsável, como também é atributo deste deixar o inconsciente do leitor vislumbrar o proibido.

Enquanto Holland focava no leitor mais que no trabalho a ser lido, outros preferiam concentrar-se nos textos. Já dizia D.W. Winnicott que até bebês muitos jovens têm desejos inesperados, sendo estes desejos textualmente orientados por discussão de críticos psicanalíticos e que o relacionamento entre leitor e texto depende profundamente do texto. Pois alguns trabalhos, segundo ele, realizam os desejos secretos do leitor, mas outros, talvez a maioria, não o fazem. Os textos criados por alguns autores eficientemente resistem ao envolvimento com o leitor.

Os sonhos eram, para muitos, a determinação da natureza de um texto, depois eles passaram a pensar que os sonhos não são mais tão significativos, a pesar de assumir algo diferente e complexo. Meredith Skura diz que os sonhos são vistos mais como uma língua do que como sintoma de repressão. Jacques Lacan, psicanalista estruturalista francês, concorda, em parte, com o pensamento de Skura e completa dizendo que o inconsciente é como uma língua, uma forma de discurso. Assim, para ele, sonhos são coisas que podemos estudar psicanaliticamente para aprender mais sobre Literatura, como também se pode estudar Literatura para saber mais sobre inconsciente.

No seminário de Lacan "The Purloined Letter", falou-se sobre a nova abordagem da estrutura psicanalítica para a Literatura, no qual Wright empregou analogias da Psicanálise para explicar os trabalhos dos textos como distintos do trabalho do autor particular, personagens ou até a mente do leitor.

Frederick Karl, Robert Rogers, Bernard C. Meyer usavam as concepções freudianas em suas análises; mas foi com Frederick Crews que a expressão do Complexo de Édipo foi encontrada em *Heart of Darkness* (O Coração das Trevas, de

Joseph Corand, 1093). Na mesma obra no capítulo *Out of my System* intitulado de "Conrad's Uneasiness-and Ours" houve controvérsias entre alguns críticos, tais como Crews e Donald M. Kartiganer, acerca da interpretação dos personagens: Kurtz e Marlow.

Uma outra vertente, da obra supracitada, é a de Karl que escreve sobre o desejo orgíaco, incontrolláveis expressões sexuais, concordando com a concepção Freudiana de que uma das forças irracionais que dirige o humano é a sexual. Segundo ele, além do inconsciente descontrolado, Conrad descreve que Kurtz representa uma forma extrema de vontade do poder, o desejo de comando. Ainda de acordo com ele a "carreira selvagem" de Kurtz, personagem de *Heart of Darkness*, "é cada desejo cumprido do homem". Na vertente freudiana, Kurtz cumpre o desejo do Id escapulindo dos controles sensoriais do Ego e Superego.

Karl não foi feliz em sua análise das noções da inconsciência coletiva de Jung; da vontade de poder de Nietzsche, mas sua maior dívida foi com Freud. Enquanto Freud acreditava que os seres humanos são amplamente motivados por um lado irracional da mente e que para entendê-la analisa-se os sonhos; Conrad investigou a mente humana por imagens criativas geralmente oriundas de sonhos ou guerra. Outra vez Karl não analisa a possibilidade das imagens serem sintomas da doença de Conrad; Karl focaliza sua análise apenas nas produções de textos artísticos.

Tal controvérsia entre escritores, críticos e psicanalistas se dá pelo campo fértil que há dentro do estudo do comportamento do homem, em sua relação consigo mesmo, com a sociedade em que vive e com o outro, partindo desta premissa é que a Psicanálise surgiu para auxílio da análise e interpretação dos personagens e é

orientados por essa abordagem que analisaremos no próximo capítulo os três personagens de *Clube da Luta* assim como a semelhança deles com os conceitos descritos sobre: Id; Ego e Superego.

## CAPÍTULO II

### ANÁLISE DO LIVRO *CLUBE DA LUTA*:

Os fatos oriundos no romance não acontecem numa ordem cronológica, ao contrário, ele inicia nos dez minutos finais da história (2000, p.10), no qual se focaliza o desejo e atos cometidos para a destruição da civilização, assim como a autodestruição.

*... Só depois de perder tudo você vai fazer o que quiser. ... Sabe as coisas que Tyler diz sobre ser um merda, um escravo da história? Pois era assim que eu me sentia. Queria destruir tudo de belo que nunca tive. Pôr fogo na floresta Amazônica. Injetar CFCs direto na camada de ozônio. Abrir válvulas de descarga dos superpetroleiros e destampar poços de petróleo em alto-mar. Queria matar os peixes que não pude comer e contaminar as praias francesas que não conheci (2000, p.132); Eu queria pôr fogo no Louvre. E limpar a bunda com a Mona Lisa. Este é o meu mundo, o meu mundo, e os antigos estão mortos. (Palahniuk, 2000, p.73; 133)*

*... Se o avião tomba muito para o lado, eu rezo para que ele caia. Esse momento cura a minha insônia com a narcolepsia, quando podemos morrer impotentes como um maço de cigarros no meio da fuselagem (pg.24); Eu me dissolvo e me dilato no momento da aterrissagem quando a roda encosta na pista, mas o avião pende para o lado e não sabe se corrige a inclinação ou se tomba. Agora nada mais importa. Você olha para uma estrela e desaparece dentro dela... (Palahniuk, 2000, p.30-1).*

O narrador Jack, que também é personagem descreve, em contagem regressiva, alguns fatos que surgiram e que estão acontecendo nos sete dos dez minutos que restam da história. A falta de nexos e coerência na sua narração são estratégias propositalmente do escritor, para fazer com que nós, leitores, sejamos ou nos sintamos o

próprio Jack que está confuso e não consegue achar explicação no que está acontecendo em sua vida, por este emaranhado de fatos que surgem em sua mente não ter seqüência lógica e esta confusão e perda de noção é deparada pelo leitor ao ler esta obra pela primeira vez.

Esta fissura de Tyler em destruir a civilização faz parte de um drama existencial oriundo do conflito que houve entre Id (Tyler) e as suas exigências pulsionais com o Ego (Jack) e as leis que normalizam as relações dos indivíduos entre si.

*O Parker-Morris Building voará pelos ares, todos os 191 andares, e tombará lentamente como uma árvore na floresta. É possível derrubar qualquer coisa... Todos os 191 andares despencam ruidosamente sobre o museu nacional, que é o verdadeiro alvo de Tyler... O mundo é nosso, o nosso mundo, e toda esta velharia vão morrer (Palahniuk, 2000, p. 11-2)*

A interdição da civilização está relacionada (in)diretamente com o fato do Superego de Jack ser Marla (analisaremos isto mais adiante) e a interdição do desejo produziu nele um sujeito “doente”, incomodado com o mundo e com a própria vida, sendo também paralelo ao seu processo de repressão e insatisfação.

*... Finalmente senti que podia arrebentar com tudo que não funcionava na minha vida, da lavanderia que entrega minhas camisas com os botões quebrados, ao banco avisando que estou centenas de dólares no vermelho. Do meu trabalho, onde meu chefe usa meu computador e desfaz todos os meus comandos do DOS... (Palahniuk, 2000, p.55).*

Durante boa parte da vida de Jack, representante do Ego, ele foi “prisioneiro” da satisfação substitutiva proporcionada pela sociedade civilizatória que constitui de prazeres artificiais propiciados pelo consumo e pela facilidade da vida moderna.

Deste modo, devido à ausência de si mesmo, Jack busca infinitamente aquilo que não sabe o que é, mas que acredita que irá diminuir a tensão interna.

*... Minhas lindas mesinhas Njurunda no formato de um yin verde-limão e um yang cor de laranja que se encaixavam perfeitamente... Meus sofás Haparanga cor-de-laranja, desenho de Érika Pekkari... Não sou o único escravo do instinto doméstico. Conheço pessoas que já se sentaram na privada com uma revista de sacanagem e hoje se sentam com um catálogo da IKEA... Todo mundo tem luminárias Rislampa/Har de arame e papel reciclado não desbotável. As minhas são com bolinhas coloridas... Um conjunto de facas Alle. Puro aço inoxidável. Lavável em lava-louça... Eu tinha uma coleção de mostardas especiais, algumas granuladas, outras em pasta como nos pubs ingleses. Tinha catorze sabores de molho para salada sem óleo e sete espécies de alcaparras... Você compra móveis e pensa, este é o último sofá que vou comprar na vida. Compre o sofá, e por um par de anos fica satisfeito porque, aconteça o que acontecer, ao menos tem o seu sofá. Depois precisa de um bom aparelho de jantar. Depois de uma cama perfeita. De cortinas. E de tapetes. Então cai prisioneiro de seu adorável ninho, e as coisas que antes lhe pertenciam passam a possuir você (Palahniuk, 2000, p.43:4: 5) .*

Quando os bens materiais não funcionam mais como meio de satisfação Jack passa a freqüentar grupos de apoio à portadores de câncer como meio de satisfazer os instintos do Id, sendo lá onde ele se entregava e conseguia relaxar. Estes grupos dava-se um alto grau de relevância à espiritualidade como mecanismo de amenizar a dor, tal situação é apresentada nas meditações dirigidas cuja intervenção psicoterapêutica se constrói através da integração de técnicas de relaxamento mental (p,19;21) e visualização de imagens mentais (p,19), que tem por objetivo re-significar a dor simbólica da morte e auxilia na recuperação do equilíbrio que se expressa no alívio dos sintomas.

Após a explosão do apartamento, fato este que mostra que os grupos de apoio também não o satisfaziam mais, descrito no capítulo cinco e até então desconhecida a causa. Jack aproxima-se mais de Tyler e inicia-se o *Clube da Luta* que é mais detalhado na sexta parte da história. E é nesta parte que Jack fala que talvez o auto-aperfeiçoamento não seja a solução, mas quem sabe a autodestruição o seja (p,51).

O *Clube da Luta* abrange todas as classes sociais desde o garçom (p,49); o garoto que trabalha na copiadora; o representante de contas (p.50); os administradores; os executivos; os advogados até os policiais (p.51). É nesta etapa da história também que ele justifica a presença de tantas pessoas aderirem ao clube.

*Você não se sente tão vivo em nenhum outro lugar como no Clube da Luta. Quando estão só você e o outro cara embaixo da lâmpada e toda aquela gente assistindo...No Clube da Luta você ouve barulhos e grunhidos como em qualquer academia, mas ninguém está preocupado em ficar bonito. Há gritos histéricos e línguas estranhas como nas igrejas, mas quando você acorda no domingo à tarde se sente salvo. (Palahniuk, 2000, p.53)*

Jack se esforça para “chegar perto do fundo” (p.72) e cada atitude sua é analisada por Tyler que o “aconselha” e mensura a que profundidade ele já conseguiu chegar.

Outro passo da autodestruição, mostrada no nono capítulo, é quando o Id de Jack beija a sua mão com os lábios úmidos e em seguida despeja a lata de soda cáustica na mão, molhada pelo beijo, provocando uma queimadura química (p.81), então o Ego reage e procura fazer meditação dirigida para controlar a dor, por isso dá-se início a uma discussão e desentendimento entre o Ego e o Id, fato este comum entre o eu e o inconsciente, porque Jack faz uso da meditação para amenizar a dor enquanto Tyler tenta trazê-lo para aquela realidade.

Tyler estava a cada noite procurando um modo diferente de satisfação e no emprego de garçom ele não fez diferente, pois ele urinou na sopa (p.82), além de outros delitos (p.83;87:8:9), assim Tyler os classifica como “guerrilheiros terroristas da indústria de serviços. Sabotadores de jantares.”(p.88).

A cena seguinte do capítulo doze contém além da descrição do trabalho de Jack como coordenador de campanhas, da retaliação a ele feita pelo seu chefe por ter encontrado na máquina copiadora um papel com as regras do *Clube da Luta* (p101:2) também é revelado os procedimentos do seu chefe para sempre ter lucro na empresa, tais como utilizar-se na fabricação de veículos produtos de má qualidade que gera desde defeitos insignificantes, como o defeito do pára-brisa (p.100) até defeitos graves como o do couro do banco dos carros que pode até provocar uma doença congênita no feto da mulher gestante que tiver contato com ele (p.101) além de outros defeitos como nos alinhamentos dos freios, no ar condicionado, na lâmpada de injetor de combustível e no turbo compressor(p104:5).

Neste mesmo capítulo, Jack fala de sua insônia (p.101) que a partir da menção feita no capítulo vigésimo terceiro (p.174:5; 186:7), percebemos que não se trata dele não conseguir dormir, se refere a ele não conseguir descansar ao dormir, isto porque durante o dia o Ego (Jack) é que funciona e ao dormir o Id (Tyler) é que se apossa do corpo e quando o narrador diz que “a insônia distancia tudo e que você não consegue tocar em nada como também nada toca em você” (p.102). Ele está mencionando a percepção que ele tem do que ele é e do que ele se esforça para ser. O Id ao sobressair é como se criasse uma película em sua volta e nada, ninguém, nenhuma lei, ou quase nenhuma, consegue lhe tocar, lhe comover ou chamar a sua atenção para que não extrapole os limites. Já com relação à frase “a

cópia, da cópia, da cópia” (p.19; 102) é uma identificação de que Jack é cópia do Ego, este é cópia do Superego, que é cópia do Id.

O romance é regido, quase completamente, por pensamentos soltos que fazem alusão aos desejos reprimidos que ganham a liberdade ao anoitecer e a dúvida de ter ou não dormido (p.105) são resquícius da consciência, do Ego, durante o reinado do Id. Isto porque os sonhos são confundidos pelo personagem por insônia, que são apenas sonhos cujos desejos recalçados são assim representados, ou seja, o desejo quando expulso da consciência reaparece sob forma de disfarce, disfarce este nomeado de insônia por Jack, fazendo com que ele não reconheça seus impulsos, pois há uma força maior chamada de Ego que não permite que se saiba sobre este impulso e suas realizações, tornando o sonho um enigma de difícil compreensão. E o que tornou o Id tão poderoso diante do Ego e também, às vezes do Superego, foi exatamente este recalçamento, que nada mais é que uma maneira encontrada pela mente de substituição de satisfação, anteriormente explanada.

Assim impede a passagem daqueles desejos inconscientes e condenados pela sociedade para o pré-consciente, mas o que aconteceu foi que esta censura, vale ressaltar que quanto mais rigorosa a censura, mais elaborado será o disfarce, não foi infalível e estes desejos escondidos irromperam abruptamente a consciência de forma disfarçada, aparentando ser insônia, fazendo com que Jack não pudesse, por determinado período, identificar sua origem.

Ainda neste mesmo episódio da décima segunda parte da narração Jack fala do quê uma pessoa é capaz de fazer com seu chefe quando se aborrece com ele (p.104), mas podemos perceber que ele está falando o que seu Id quer, deseja e faz com seu chefe (p103). Só mais adiante no capítulo de número vinte e seis entendemos que tudo o que foi mencionado no capítulo doze se trata do que Tyler

fez com seu chefe, do assassinato que cometeu (p. 197:8:9), sendo no capítulo dezoito que ele narra, sem saber ainda precisamente, a sua fuga lá do seu trabalho depois da noite do assassinato (p. 147:8) e mais adiante um breve relance de consciência surge e ele se lembra do assassinato, de quem é o assassino e como tudo aconteceu.

*Sei que o meu chefe está morto... Eu sabia que Tyler ia matar meu chefe. No momento em que senti cheiro de gasolina nas mãos, quando eu disse que queria abandonar o meu emprego, estava dando permissão a ele. Fique à vontade.*

*Mate meu chefe... Sei disso porque Tyler sabe disso... Fui eu quem digitei as anotações de Tyler. É uma nova versão da bomba-lâmpada; você faz um orifício na lâmpada e enche de gasolina. Tampa o orifício com cera ou silicone, enrosca a lâmpada num soquete e espera alguém entrar na sala e ligar o interruptor... (Palahniuk, 2000, p.197:8).*

O Ego também teve significantes vitórias contra o Id e um destes momentos se registra quando o detetive liga para Jack para colher informações sobre a explosão do seu apartamento (p.117) e Tyler fica cochichando o que Jack deve dizer, mas o Ego conseguiu “aparecer” e falar da sua realidade psíquica singular.

*...Tyler cochichava:*

*-O desastre faz parte da minha evolução natural rumo à tragédia e à dissolução.*

*Eu disse ao detetive que foi a geladeira que mandou meu apartamento para os ares.*

*E Tyler cochichava:*

*-Estou rompendo meus vínculos com a força física e os bens materiais, porque só destruindo a mim mesmo vou descobrir a força superior do meu espírito... O libertador que destruir a minha propriedade estará salvando o meu espírito -diz Tyler - O mestre que tirar os bens do meu caminho me libertará...*

*Tyler cochichou:*

*-Diz a ele que foi sim, que foi você quem fez isso...*

*Eu disse ao detetive: não, não deixei o gás aberto e viajei. Eu amava a minha vida. Eu amava aquele apartamento. Amava cada peça do móvel. Eles eram a minha vida. Tudo, os abajures, as poltronas, os tapetes, tudo era eu... Fui eu quem voou pelos ares... (Palahniuk, 2000, p.117)*

Tyler conseguiu se livrar dos seus empregos para se dedicar exclusivamente aos *Clubes da Luta* que já possuía vinte e três grupos. E quando o *Clube da Luta* não o satisfizesse mais (p.132) foi aí que se criou o Projeto de Ações Violentas, cuja estrutura e suas ações são mostradas no capítulo dezesseis. Este projeto, também regido por regras, se divide em Comitês: o de Maldades; de Incêndio Criminoso; de Ataque; de Informações Falsas; e o de Assaltos (p.127). O objetivo do Projeto de Ações Violentas é libertar a todos da escravidão que a civilização impôs, fazer com que o mundo ficasse livre da história através da destruição completa e direta da civilização.

Há uma diferença entre *Clube da Luta* e o Projeto de Ações Violentas enquanto o Clube se preocupa mais em defender a angústia de cada pessoa o projeto visa libertar as pessoas da história (p.134). Tyler faz do porão que mora um campo de concentração e pede para Jack fazer setenta e duas cópias dos itens exigidos para se fazer parte do Projeto e morar no porão (p.136:7) e mais uma vez ele esquece a folha na máquina copiadora e seu chefe vê (p.135), esta é a segunda vez que isto ocorre, depois deste segundo acontecimento é que o Id (Tyler) de Jack assassinou seu chefe.

O capítulo dezenove continua a narração do percurso percorrido durante a fuga de Tyler devido ao homicídio cometido por ele.

No vigésimo primeiro toda a história começa a ter sentido e Jack que estava à procura de Tyler, que tinha desaparecido há dias, começa a colher informações que

o deixa atordoado e sem entender o que está acontecendo. Só no capítulo seguinte é que se descobre tudo (p. 175; 179) e é neste momento que se pode mensurar o tamanho e a repercussão que tanto o *Clube da Luta* quanto o Projeto de Ações Violentas alcançaram (p. 175:6). Jack, em seu momento de lucidez, quer cancelar o Projeto de Ações Violentas (p.192), após a morte de Big Bob (p.191), mas seus companheiros não aceitam e é aí que se preparam para expulsá-lo (p.192:3).

Na vigésima sexta parte é retomada, mais uma vez, o assassinato do chefe desta vez com mais detalhes de como tudo aconteceu e o que foi usado para a explosão da repartição (p.199) já a outra parte do capítulo é dedicada à perseguição dos Comitês e do *Clube da Luta* na captura de Jack (p.200).

No capítulo vinte e oito narra-se outro assassinato (p.211) e os acontecimentos desse fato, assim como a presença do Superego que pune ao Ego com o desejo de morrer para se ver livre das coisas “erradas” que o Id vem cometendo durante as noites (p.214). Estes mesmos sentimentos de revolta, aflição e desejo de morte estão presente no capítulo vinte e nove que também retoma, com mais minuciosidade, a cena descrita no primeiro capítulo deste livro.

Nesta última parte Jack aperta o gatilho e nos leva a crer, num primeiro momento, que morrem ele e Tyler, mas a partir do oitavo parágrafo, percebemos que Jack está tendo alucinações depois do tiro e mais um personagem, Deus, e mais um cenário, Céu, fazem parte de sua mente. Neste momento de convalescimento, Deus lhe faz um interrogatório e pensa ele estar no Céu e o seu Superego está na terra querendo que ele volte (p.220) e ele, embora não queira voltar, quer saber tudo o que está acontecendo na Terra. Só mais adiante, na última página do romance, é que temos a certeza que Jack e Tyler não morreram, estão em um hospital no qual todos fazem parte do *Clube da Luta* e/ou do Projeto de

Ações Violentas só aguardando ele(s) se recuperar (em) e voltar à missão de acabar com a Civilização.

### **ANÁLISE DOS PERSONAGENS: JACK; TYLER; MARLA:**

A descoberta de que o homem é regido por forças que vão além da consciência e revela que o ser humano não possui domínio de si mesmo é chamado de inconsciente e iremos abordar neste momento como tais forças operam de forma constitutiva nos personagens Jack; Tyler e Marla de *Clube da Luta*.

Jack, também narrador, é um homem que trabalha exclusivamente para seu excessivo consumo sempre em busca desses prazeres artificiais proporcionados pela sociedade moderna (p. 41; 43:4:5:6), como meio de levar o Ego a diminuir a tensão interna, mas tais satisfações consumistas deixaram de existir com o tempo (p.47; 186) e um outro método para ir à procura desta satisfação sem transgredir as leis e as regras surgiram quando ele começa a freqüentar grupos de apoio a portadores de alguma doença grave, passando a ser esta a sua nova realização (p.17). O que acontece é que as forças do Id, do Ego e do Superego estão frequentemente em conflito e isto provoca o aparecimento da angústia. Assim Jack desenvolve novas maneiras e encontra outras saídas para reduzir esta agonia, e essas formas encontradas por ele é que estrutura a sua personalidade. Em outras palavras o que acontece é que Jack (Ego) encontrou na extrapolação do consumo uma forma de “agradar” ao Id (Tyler) sem “ofender” a Marla (Superego), mas como Tyler nunca fica satisfeito com uma coisa por muito tempo ele provoca em Jack a angústia por este não ir em busca da satisfação sem limites, então inicia-se o círculo novamente no qual Jack vai à procura de outra forma de satisfação sem transgressão

O trecho "... Algumas pessoas são noturnas. Outras são diurnas. Eu só posso trabalhar de dia". (Palahniuk, 2000, p24), é um dos fatos que faz com que nossas conclusões a respeito da força psíquica que rege Jack seja o Ego, pois este abrange a consciência e as ações diurnas e sociais.

No decorrer da narrativa percebemos que Jack tenta regular o desejo do Id por meio de atos que o deixariam melhor consigo mesmo embora deixasse de funcionar num determinado período.

*...Depois de uma noite no Clube da Luta, o mundo real não é mais o mesmo... Antes, se eu chegasse em casa nervoso, vendo que a vida não estava de acordo com meus planos, bastava limpar o apartamento ou lustrar o carro... ( Palahniuk, 2000, p50).*

Em alguns momentos da história é mostrado que o Ego faz o seu papel, em relação ao Id, de obter controle sobre as exigências dos instintos, decidindo se elas devem ou não ser satisfeitas (p.78:9), e é desta forma que Jack coordena e conduz as tensões produzidas por Tyler. Enquanto o Ego meditava e procurava dirigir-se às palavras usadas nos grupos de apoio para não sentir a dor da queimadura química o Id (Tyler) fazia de tudo para trazê-lo para aquela situação.

A inconsciência presente no Id de Jack é, nos primeiros capítulos, reprimido, ou seja, incapaz de tornar-se consciente, já nos três últimos ele passa a ser latente, deste modo, passa a ser capaz de tornar-se consciente. O inconsciente reprimido aparece nas "atividades noturnas" de insônia de Jack, isto porque estas atividades não eram enviadas para a consciência e por amanhecer cansado pensava ele não ter dormido (p.170).

*Os pensamentos ficam girando a noite toda.  
Estou dormindo? Será que já dormi? assim é a insônia...*

*...-Toda vez que você pega no sono- diz Tyler- eu me mando e cometo uma barbaridade, uma loucura, uma coisa completamente fora do normal. (Palahniuk, 2000, p174: 5).*

A pesar da mente ser organizada, ela não possui um poder completo em todos os momentos. O Ego (Jack) está presente durante o dia e ao dormir o Id (Tyler) representa a natureza oculta do que Jack é.

A insônia seria o recalque. Quer dizer, Jack reprimia seus desejos e procurava outras satisfações para “substituir” estas, daí estes desejos obscuros que o incomodava foram “desviados” e ficaram numa parte do inconsciente, mas por o desejo ser essencialmente impulsivo ele se disfarçou e invadiu a consciência para se realizar, por isso é que Jack, representante da consciência, que tivera seus desejos outrora reprimidos são agora satisfeitos pelo Id (Tyler), mas por ser disfarçado Jack é incapaz, num primeiro momento, identificar tal recalque e por isso confunde e pensa se tratar de uma insônia.

Logo abaixo na passagem do texto, podemos perceber que o Id já tinha tomado conta do seu corpo, pois aos sábados Tyler estava no *Clube da Luta*, nas quartas, quintas e sextas ele era projetorista de filmes e na terça ele fazia sabão (p106), vale ressaltar que estas atividades eram todas noturnas, por isso a sensação de insônia e o cansaço físico de Jack (p148).

*Tyler e eu estávamos cada dia mais parecidos um com o outro, como irmãos gêmeos. Nós dois tínhamos um soco no queixo, nossa pele desmemoriada já não lembrava mais como se recuperar. (Palahniuk, 2000, p. 121).*

A pulsão de morte é uma condição inata humana que entrelaça tanto a pulsão de vida quanto a pulsão de morte, dadas as condições de auto-agressividade na

construção de algo produtivo, sendo uma espécie de masoquismo moral no qual Jack torna-se vítima de si mesmo ao demonstrar necessitar de punição (p.157).

O Id de Jack aparece em outro personagem, Tyler Durden, como uma prova de que o ser humano não possui domínio de si mesmo. Tyler é um reservatório de pulsões desordenadas que quer de qualquer modo satisfazer seus impulsos e destruir as leis que regem a civilização.

Uma das primeiras fortes evidências que Tyler é o Id aparece no capítulo três "... Sendo como é Tyler só pode fazer serviços noturnos..." (Palahniuk, 2000, p.24) isto porque é durante a noite, nos sonhos, o momento da consciência se recuar, um pouco, e o Id se sentir livre e sem nenhuma piedade em cometer seus piores "crimes".

Como falado anteriormente a consciência não desaparece por completo, mas também não está muito presente, durante o sono, é como se o Ego "se calasse" diante das atitudes do Id, por isso é que Jack se questiona tantas vezes o que Tyler faz quando ele dorme. (p.26; 32).

A filosofia de Tyler é que você só pode fazer o que quiser se antes perder tudo, ou seja, não se apegar aos bens materiais e as leis (p.73), daí é por isto que ele fica medindo a que grau de destruição, da vida e das leis, ele conseguiu levar o Ego a alcançar (p.72) e a autodestruição continua quando o Id de Jack (Tyler) faz com que ele provoque, em si mesmo, uma queimadura química (p.76) e as destruições do sistema também são seus alvos que vai desde o "terrorismo gastronômico" (pgs82; 83; 88; 89), a destruição do seu apartamento (p.117:8), o extermínio da civilização a partir dos atos praticados pelos Comitês do Projeto de Ações Violentas (p.126; 128; 132:3:4;141:2), o sabão feito de gordura lipoaspirada, recolhida do lixo hospitalar (p.161:2) até cometer assassinatos (p.197;208).

*Tyler era a palmatória do mundo, o lixo da humanidade...*

*...-Sou um lixo - disse Tyler. – Sou um lixo, um merda, um doido, para você e para toda esta porra de mundo - disse Tyler ao presidente do sindicato (Palahniuk, 2000, p120; 122).*

Tyler é a rejeição de toda civilização, como podemos ver acima, e esta revolta e força que predomina em seu personagem teve origem no funcionamento do inconsciente, lá no mecanismo do sonho. O desenvolvimento da civilização e a correria da vida moderna fizeram com que Jack substituísse a satisfação do Id pela satisfação substitutiva do consumismo, por exemplo, e tal atitude fez com que os desejos inconscientes fossem deslocados, mas como isto é o máximo que a mente pode fazer, os desejos “mal-vistos” foram mandados para um outro lugar, mas nunca excluídos, estes desejos burlaram a censura e disfarçou-se de pessoa, Tyler, e de insônia. Isto porque o inconsciente insiste em se manifestar mesmo depois de se deparar com um dos maiores obstáculos que se tornou a civilização. Portanto a civilização atuou em Jack e fez com que ele se tornasse a censura mais rigorosa em relação à satisfação do Id, daí tamanha engenhosidade do disfarce do desejo para conseguir ser realizado e tamanha também o ódio de Tyler para com a civilização (p.134).

O Id (Tyler) detinha tanto poder sobre o Ego (Jack) que quando Tyler pressentiu que Jack, com a ajuda de Marla (Superego) iria conseguir prevalecer a sua consciência, Tyler preveniu a todos os membros tanto do *Clube da Luta* quanto do Projeto de Ações Violentas todas as frases que Jack poderia usar para querer acabar com tais “instituições” (p.202) é aí que o Ego e o Superego começam a

correr perigo, pois estas “instituições” são formadas por Tylers da vida que fazem de tudo para se verem livre dos submissos à ordens e às leis representada pelos Jacks. O último personagem é o mais complexo de se descrever dada a sua tamanha contradição em alguns dos seus atos, com sua ideal função. Marla é o Superego de Jack e começaremos a desvendar seus mistérios a partir da dúvida que surge ao se deparar com um superego “feminino” num Ego e Id “masculino”. O inconsciente desconhece a diferença entre os sexos e quem constrói esta identificação são os pais, através do Complexo de Édipo e por meio da sociedade. Esta fez seu papel e através da determinação do sexo de Jack quando bebê conseguiu construir a identidade “masculina” com o tempo por meio de uma repetição incorporada de gestos, movimentos e estilos. No entanto, não houve a intervenção “adequada” da família para que o gênero fosse de fato “ideal e completo”, isto porque Jack não teve a figura paterna para intervir na construção de sua identidade (p.51) surgindo assim uma forte identificação com sua mãe, ou seja, por ele não ter tido esta convivência que solidificaria seu positivo ingresso no Complexo de Édipo seu inconsciente se tornou idêntico ao aspecto da figura materna. A pesar de o Superego ser, em grande parte da história “silencioso e contraído” esta figura superegoíca é ativa e presente em quase todos os momentos.

“Existe uma espécie de triângulo entre nós...” ( Chuck Palaniuk,2000,p.13) este “triângulo” é a referência que o narrador faz das energias psíquicas e dependentes do Ego, Superego e Id. E esta figura geométrica é uma inferência plausível das funções psíquicas, pois as duas pontas paralelas se referem ao Ego e Superego que tentam, uma com maior proporção que a outra, barrar o fluxo de energia instintiva chamada de Id que está representada pela ponta da parte superior do triângulo.

Jack é uma pessoa esquizofrênica e Marla assim como Tyler é fruto da sua imaginação. A primeira aparição de Marla, segundo ele, foi no grupo de apoio a câncer de testículos, grupo este direcionado e freqüentado apenas por homens, no qual mulher nenhuma iria freqüentar em busca de ajuda.

*A única mulher presente nos Remanescentes Unidos, o grupo de apoio ao câncer testicular... Essa mulher também estava no meu grupo de apoio à tuberculose da sexta-feira à noite. Estava na minha mesa redonda de melanoma de quarta á noite. Na segunda, estava no meu grupo de discussão sobre leucemia, os Firmes na Fé... Tarde de domingo com os remanescentes Unidos no porão da Trinity episcopal, e essa mulher está outra vez aqui.*

*O pior é que não consigo chorar com ela me olhando.*

*Era a parte que eu mais gostava ficar abraçado e chorar com Big Bob, perder toda a esperança... (Palahniuk, 2000, p16: 17).*

Esta foi a primeira presença e perseguição que Marla faz ao Ego transmitindo a ele a sua imagem de punição fazendo com que ele não consiga mais se satisfazer nestes grupos.

Ao tempo que Jack busca a satisfação, Marla provoca no Ego dele a angústia e a punição, fazendo com que ele reflita sua atitude de mentir diante os grupos no qual só tinham pessoas com doenças e sofrimentos "reais". Esta punição está tão aguda que até na meditação dirigida Marla aparece, ou seja, cada pensamento que o levava a relaxar e a se sentir melhor era invadida por a presença dela e da punição que ela representa. (p. 35:6).

*Até esta noite; foram dois anos de sucesso até esta noite, porque não consigo chorar com essa mulher olhando para mim. E por não poder ir mais fundo, não posso ser salvo... Com esta mulher olhando para mim, sinto-me um mentiroso... Para Marla, eu sou falso. Desde a segunda noite em que a vi não consigo dormir. (Palahniuk, 2000, p22).*

O Superego, até este momento, está forte e consegue um ponto de apoio na consciência e dirige sua ira contra o Ego com violência impiedosa, é como se Marla tivesse se apossado de todo o sadismo disponível no Ego, desta maneira diríamos que o Superego está influenciando uma cultura de instinto de morte e, de fato, com toda esta ênfase neste instinto, Marla está obtendo êxito em impulsionar a si e ao Ego à morte, isto porque quando ela busca a sensação de morte, visto que esta é a punição mais extrema, esta sendo, de certa forma, direcionada a Jack (Ego), pois representam uma mesma pessoa com características psíquicas diferentes.

O fato de Jack ser escravo do consumismo e dependente de grupos de apoio, de Tyler ser revoltado com o mundo e de Marla não ser uma Superego bem formado se dá lá no Complexo de Édipo e esta, além da cicatriz em comum que os três têm provocada pela queimadura química, é uma outra evidência que todos eles são uma só pessoa, isto porque Jack apesar de ter tido seu pai em casa até um pouco menos que seus primeiros seis anos de idade (p.51) não se lembra de nada deste período. Em seguida, Tyler diz não conhecer seu pai (p.51) , e Marla só se refere a sua mãe sem fazer menção nenhuma à figura paterna (p.96). O pai de Jack nunca participou da sua vida, nunca lhe mostrou o “caminho correto” a seguir. (p.52).

Na primeira luta do *Clube da Luta* o Id fala com o Ego de Jack e lhe pergunta com quem ele estava brigando e ele responde que com seu pai (p.55) foi neste momento que toda a revolta da infância é descarregada na luta.

A função do Ego e do Superego é barrar o fluxo de energia instintiva do Id, como o Id a cada dia consegue desenvolver uma energia instintiva mais forte, a consequência disto é o Superego “responder à altura” foi desta forma que o Superego de Jack tenta cometer suicídio, de masoquismo como forma de punir o Ego por sua falha de não conseguir parar o Id (p.61:2). O Superego de Jack se

descreve como uma boa pessoa que se tornou um monstro e um lixo humano (p.63). É como se Marla, neste momento, fizesse uma autopunição de si e de Jack por se tratar de um Superego de “má formação” e esta maneira de se sentir e querer se auto-destruir, de certa forma, também é consequência de não estar fazendo minuciosamente e por completo o papel atribuído a ela como representante do Superego, pois mesmo punindo a consciência de Jack, ela também comete algumas delinquências (p.115).

Marla (Superego) sempre procurava, do seu modo, proteger Jack da presença de Tyler, sendo ela o único limite dele, pois ele nunca aparecia quando Jack estava com Marla (p.67; 73) a sua presença nunca lhe foi agradável (p.75).

*... Marla está sentada, queimando a parte interna do braço com a brasa do cigarro de cravo e chamando a si mesma de bosta humana. - Sou corrupta, doente e pustulenta – Marla fala para a brasa do cigarro. E esmaga o cigarro na pele fina do braço. – Queime bruxa, queime (Palahniuk, 2000, p67).*

Este masoquismo moral, mostrado logo acima, está diretamente relacionado à rigidez do Superego, em alguns momentos, a estes sentimentos inconscientes de culpa e a esta incessante necessidade de punição. Volto a frisar que Marla é uma força instintiva do Ego de Jack, é o Superego dele, e não podemos nos esquecer que quando ela está “se punindo” é, de fato, punindo o Ego de Jack e ao seu corpo.

O narrador faz comparações entre Marla e Tyler com seus pais (p.67; 74), enfatizando esta análise que em sua família não houve uma estrutura propícia para ocorrer um Complexo de Édipo “positivo”.

O Superego tem duas funções ditas principais: a primeira é, juntamente com o Ego, por limites ao Id, e esta parte ele não está conseguindo fazer; e a segunda é punir o Ego das atitudes do Id, que por sinal da primeira até a última página do livro

ele tem conseguido êxito. Mas como o Superego não está cumprindo totalmente seu papel ela, Marla, teme que Tyler consiga inibir seu papel diante do Ego de Jack, mas ela sabe que ele nunca vai mudar as funções que lhe são inerentes, pois a sua função não “morre”, é inerente ao Superego. “O que você precisa saber é que Marla ainda está viva. Sua filosofia de vida, ela me disse, é que ela pode morrer a qualquer momento. A tragédia da sua vida é que não morre.” (Palahniuk, 2000, p115).

Marla é a representação das conseqüências sofrida por uma família moderna em que a liderança do pai (quase) desaparece frente à preocupação do avanço da modernidade e a constituição de uma subjetividade. Ela é a formação superegoica que deveria ser formada a partir de seu pai como este foi ausente está formação adquiriu semelhança e forma da mãe, é isso que explica esta frase logo abaixo de que só Marla e seu pai sabiam da marca de nascença dele, pois não podemos nos esquecer que é no Superego do pai que se reflete o Superego do filho e se o pai tem conhecimento deste fato nada mais lógico do que Marla também saber, visto que bem formado ou não, eles são e fazem parte do Superego do Jack.

*-O senhor tem a marca de nascença, Sr.Durden – diz o barman. No seu pé. Tem a forma de uma Austrália vermelha ao lado da Nova Zelândia.*

*Só Marla sabe disso. Marla e meu pai. Nem Tyler sabe disso (Palahniuk, 2000, p.171).*

O Superego de Jack sofreu dificuldades em sua identificação sexual, por isso a importância da presença de ambos os pais no convívio familiar, pois é desta forma que a criança vivencia de modo mais natural os processos de identificação e diferenciação, o que ocorreu com este personagem é que houve sobrecarga no papel do outro, surgindo, deste modo, um prejuízo na personalidade de Marla,

devido ao desequilíbrio ocorrido, a super-presença da mãe anulou a personalidade de Jack.

Os fatos esboçados acima é o que justifica a origem da revolta e angústia do personagem e também dos membros do *Clube da Luta*, pois como bem diz o narrador que o *Clube da Luta* “é uma geração de homens criados por mulheres (Chuck Palaniuk,2000,p.51)”, daí se pode perceber que há uma solidão e vazio dessas pessoas que não puderam entrar e muito menos sair do Complexo de Édipo (p.151:2).

Todos os “maus-comportamentos noturnos” praticado por Tyler quer no *Clube da Luta* quer no Projeto de Ações Violentas recebia punição do Superego logo assim que a consciência, Jack, despertava É Marla que traz a consciência de volta de Jack, lembrando-o dos seus atos inconscientes (p.72) e quando Tyler percebe que está mais “fraco” (porque ele pediu a Jack para nunca falar sobre ele para Marla e Jack quebrou esta promessa) ele então resolve fazer toda a revelação (p. 175:6; 179:0) a Jack. Contudo a pesar de toda a força e controle que o Id estava tendo em relação ao Ego, ele tinha um “freio” que se chamava Superego. Há um momento em que Tyler confessa que mesmo estando distante de Marla ela representa para ele “insetos e vírus que o devoram” (Chuck Palaniuk,2000,p.99).

No meio desta revelação Tyler diz a Jack que Marla não sabe a diferença entre eles (p.180), mas tal declaração é um equívoco que será desvendado no penúltimo capítulo quando ela diz que sabe a diferença entre eles (p.218). Não significando deste modo que Tyler mentiu para Jack, às vezes, o Superego é influenciado por processos que permanecem desconhecidos no Ego, sendo ele capaz de descobrir os impulsos reprimidos que se acham no fundo do sentimento de culpa, que neste caso, fez com que Marla soubesse mais do que Jack sobre Tyler,

sendo esta a justificativa de tanta punição ao Ego e o pensamento de Tyler em achar que Marla não tinha conhecimento a respeito dele.

A intenção e o objetivo do Superego é fazer com que a pessoa se sinta mal por seus atos cometidos e é exatamente tal sensação que Jack diz sentir quando está com Marla “um desespero que parece normal e justificado” (Chuck Palaniuk, 2000 p.194).

“O círculo se completa” (Chuck Palaniuk, 2000 p.188) é neste momento que as tarefas de Jack (Ego), Tyler (Id) e Marla (Superego) se definem é aí que o círculo fica completo.

Marla se junta com Jack, (p.188) para livrá-lo das alucinações provocadas por Tyler e este por sua vez quer destruir Marla porque ela não está deixando Jack dormir (p.195) e isto interfere a sua atuação.

O tiro que atingiu a Jack inibe um pouco a atuação do Id, por um período, mas a intenção de Jack ao se atirar era matar Tyler, enquanto Marla continua lá “na Terra” (p.220) consciente e pronta para não permitir ou pelo menos punir os desejos obscuros dos Ids que fazem tudo para transgredir a “consciência moral”.

## REFERÊNCIAS:

- BETTELHEIM, Bruno. **A psicologia dos contos de fada**. trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1980.
- CONRAD, Joseph. **The Heart of Darkness-A case study in Contemporary Criticism**. New York: St. Martins' Press;
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma introdução**; trad. Waltensir Dutra; 6ª edição, São Paulo. ed. Martins Fontes, 2006.
- FREUD, Sigmundo. **A interpretação dos Sonhos**. tradução de Walderedo Ismael de Oliveira; Rio de Janeiro: Imago Ed; 2001;
- FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id/Sigmund Freud**. trad. José Octavio de Aguiar Abreu, Rio de Janeiro, Imago Ed; 1997;
- FUKS, Betty Bernado. **Freud & a cultura**, 2ª edição, Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 2007;
- HEIDBREder, Edna. **Psicologia do século XX**. trad. Lauro S. Blandy. 5ª edição, São Paulo; Mestre Jou, 1981;
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Freud, criador da psicanálise**. 2ª edição, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005;
- KRECH, David e CRUTCHFIELD, Richard. **Elementos da psicologia**. 5ª edição, São Paulo. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1976;
- LEITE, Dante Moreira. **Psicologia e Literatura**, 5ª edição, São Paulo, Editora UNESP, 2002;
- LEITE, Dante Moreira. **Psicologia e Literatura**, 4ª edição, São Paulo, Hucitec: Editora UNESP, 1987;
- NASIO, J.D. **Introdução às Obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. trad. Vera Ribeiro; Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed, 1995;
- PANKOU, Gisele. **O homem e seu estado vivido: análises literárias**. trad. Flávia Cristina de Sousa Nascimento. Campinas, SP. Papirus, 1988;
- SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da Psicologia Moderna**. Trad. Adalair Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 1ª edição. São Paulo, Editora Cultrix, 1981.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS:

- <http://www.cobra.pages.nom.br/ecp-psicanalise.html> (acesso em: 09/05/07);
- [http://www.psiconica.com/psimed/files/edipo\\_%20em\\_freud%20lacan.pdf](http://www.psiconica.com/psimed/files/edipo_%20em_freud%20lacan.pdf)(acesso em: 10/05/07);
- <http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?>( acesso em: 11/05/07);
- <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v2n2/a02v02n2.pdf>(acesso em: 11/05/07);
- <http://www.psiqweb.med.br/persona/freud2.html>(acesso em: 13/05/07);
- <http://www.movepaz.hpg.ig.com.br/>( acesso em: 13/05/07);
- <http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/glossariofreud.html>(acesso em: 14/05/07);
- [www.geocities.com/psicanaliseonline/enquete4.htm](http://www.geocities.com/psicanaliseonline/enquete4.htm)(acesso em: 13/10/07);
- <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/307/30701314.pdf>(acesso em: 31/10/07);
- <http://scielo.bvs-psi.org.br/sciello.php?pid=s1414>(acesso em: 02/11/07);
- <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/271/271130111.pdf>(acesso em: 02/11/07);
- <http://bibliotecadigital.unec.edu.br>(acesso em: 07/12/07);
- <http://libdigi.unicamp.br/document/?view=vtls000298996>(acesso em: 27/03/08);
- <http://143.106.58.55/revista/include/getdoc.php?id=874&mode=pdf>(acesso em: 27/03/08);
- <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21a10.pdf>(acesso em: 02/04/08);
- [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=so104-83332007000100007&script=sci\\_arttext&teng=](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=so104-83332007000100007&script=sci_arttext&teng=)(acesso em: 02/04/08);
- [http://www.cely.org.br/revista\\_2006pdf#page=47](http://www.cely.org.br/revista_2006pdf#page=47)(acesso em: 02/04/08);
- <http://www.aetern.us/article67.html>(acesso em: 03/04/08);
- [http://ibict.metodista.br/tesesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codarquivo=156](http://ibict.metodista.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codarquivo=156)(acesso em: 05/04/08);
- <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/188/18812311.pdf>(acesso em: 23/04/08);
- <http://sites.ffcbp.usp.br/paideia/artigos28/04.pdf>(acesso em: 23/04/08);

<http://books.google.com/books?hl=ptbr&b=8id=hgrssoyque4c&oi=fnd8pg>.( acesso em: 28/04/08);

<http://www.cuidadospaliativos.com.br/fatos/anacatarina.pdf>(acesso em: 28/04/08);